

Recebido em: 15/05/2021

Aprovado em: 10/08/2021

Publicado em: 22/10/2021

IMPLICAÇÕES DO “RETORNO A FREUD” PROPOSTO POR JACQUES LACAN, A PARTIR DE UMA ANÁLISE DO CONCEITO DE PULSÃO

IMPLICATIONS OF THE "RETURN TO FREUD" PROPOSED BY JACQUES LACAN FROM AN ANALYSIS OF THE CONCEPT OF DRIVE

Claudia Murta¹

(cmurta@terra.com.br)

Jacir Silvio Sanson Junior²

(jasisaju@hotmail.com)

Resumo: O trabalho do psicanalista francês Jacques Lacan foi denominado pelo próprio autor como um “retorno a Freud”. Procuramos investigar as implicações epistemológicas desse proposto retorno. Lacan, com base em uma escrita que ele mesmo chamou de matema, propôs encontrar os fundamentos para a manutenção da descoberta freudiana. Essa foi a opção lacaniana para lidar com os impasses a que a definição de pulsão esteve submetida. Lacan, diante da oscilação entre mito e ciência, faz a opção por balizar a pulsão com a referência científica. No entanto, essa referência científica de Lacan diz respeito à lógica e à matemática, que são básicas para o desenvolvimento dos seus matemas. Nesse desenvolvimento, recorremos à opção lacaniana pelos matemas e, em seguida, percorremos as contribuições de Lacan para as pulsões. Para finalizar, passamos às fórmulas da sexuação que confluem para alguns pontos básicos da correlação entre pulsão e matema. Entretanto, os matemas geram novos impasses e o “retorno a Freud” se faz totalmente necessário para o estabelecimento da psicanálise lacaniana.

Palavras-chave: Pulsão. Matema. Sexualidade. Freud. Lacan.

Abstract: The work of the French psychoanalyst Jacques Lacan was called by the author himself as a "Return to Freud". We sought to investigate the epistemological implications of this proposed return. Lacan, based on a writing he himself called a matema, proposed finding the foundations for maintaining Freudian discovery. This was the Lacanian option to deal with the impasses to which the definition of drive was subjected. Lacan, faced with the oscillation between myth and science, makes the option to mark the drive with the scientific reference. However, this scientific reference of Lacan concerns logic and mathematics, which are basic for the development of their matemas. In this development, we resorted to the Lacanian option for the matemas and then we went through Lacan's contributions to the drive. Finally, we move on to the sexuation formulas that confluence to some basic points of the correlation between the drive and the matema. However, the matemas generate new impasses and the "Return to Freud" is totally necessary for the establishment of Lacanian psychoanalysis.

¹ Professora Titular do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Espírito Santo. Pós-doutora em Filosofia pela UFSCAR e Doutora em Filosofia pela Université de Paris VIII.

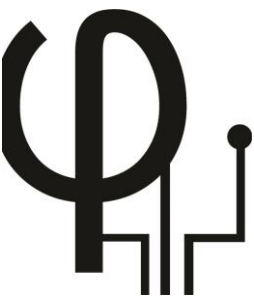
CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7566489472975915>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1553-8028>.

² Mestre em Filosofia (2016) e graduado em Psicologia (2002) pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6682391852990091>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2895-5549>.



Keywords: Drive. Matema. Sexuality. Freud. Lacan.

1 O MATEMA COMO OPÇÃO

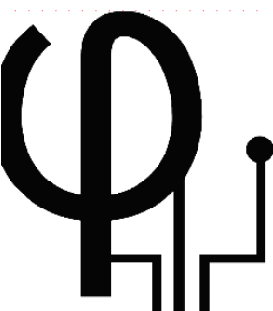
Um ponto base da investida lacaniana é a proposição de um “retorno a Freud”, que implica alguns desdobramentos. Primeiro, o retorno a Freud é uma denúncia de que os psicanalistas, posteriores a Freud, desvirtuaram o seu ensinamento ao abolir alguns temas básicos de sua investigação, como, por exemplo, a pulsão de morte. Dessa forma, o retorno a Freud é, também, uma opção lacaniana por manter, como ele mesmo propõe, a integridade da descoberta psicanalítica.

Freud, dentre as suas referências discursivas, não abdicou do ideal de ciência; no seu entender, a psicanálise deveria ser considerada uma ciência da natureza. Lacan, por sua vez, mantém a referência freudiana à ciência, mas oferece a esta outro tratamento. Conforme um de seus comentários: “[...] deve-se distinguir da questão de saber se a psicanálise é uma ciência (se seu campo é científico), fato precisamente de que sua práxis não implica o outro sujeito que não o da ciência” (LACAN, 1966e, p. 863, tradução nossa).

Quando Lacan escolhe como paradigma o sujeito da ciência, está abolindo a noção de mito, que não tem lugar neste outro campo. Em referência a um texto de Freud, Lacan decide: “Freud diz em algum lugar que a pulsão faz parte de nossos mitos. Afastarei de minha parte esse termo de mito” (LACAN, 1979, p. 155).

Lacan baliza seu ensinamento nas categorias de real, simbólico e imaginário. No seu entender, esses três registros aparecem de tal forma intrincados, que cada um possui as características dos outros dois. Para se fazer entender, o autor utilizou de uma figura topológica, o nó borromeano, no qual cada um dos anéis contém parte dos outros dois. E, se um dos anéis se parte, o nó se desfaz. No dizer de Lacan:

O nó borromeano consiste estritamente no seguinte: em que três é seu mínimo. Se são desatados dois anéis de uma cadeia, os demais continuam atados. No nó borromeano, se de três é rompido um, ficam livres os três. O que é surpreendente, e este é um fato de consistência, é que podem colocar um número infinito de anéis, e sempre será verdade que, se se rompe um desses anéis, os demais, todos, por numerosos que sejam, ficarão livres (LACAN, 1981, pp. 18-19, tradução nossa).



No campo das pulsões, podemos observar que os três registros se fazem presentes. Mesmo estando voltadas para o real da condição humana, as pulsões também se apresentam via linguagem simbólica e investimentos imaginários.

No texto “Do *Trieb* de Freud e do desejo do psicanalista”, Lacan (1966d, p. 853) explicita que, quando Freud enuncia as pulsões como mitos, o faz por mitificarem o real. Dessa forma, elas podem dizer daquilo que é real para psicanálise. Contudo, Lacan procura desviar-se da noção de mito, já que este, para a sua manifestação, não deixa de prescindir do rito. O problema da manifestação ritual é que pode colocar em risco o intrincamento dos três registros em privilégio do imaginário.

Em detrimento dos mitos, Lacan prefere usar o termo “ficção”, declarando: “Afastarei, de minha parte, este termo de mito – aliás, nesse mesmo texto [“As pulsões e seus destinos”], no primeiro parágrafo, Freud emprega o termo *Konvention*, convenção, que está mais perto do que se trata, e que chamarei com um termo benthamiano que fiz notar àqueles que me seguem, uma ficção” (LACAN, 1979, p. 155).

Lacan prefere denominar as pulsões como “ficção”, na tentativa de trazer à tona o real. No seu entender, “[...] o esforço de Bentham instaura-se na dialética da relação da linguagem com o real” (LACAN, 1988, p. 22). Assim, Lacan utiliza a homofonia dos termos “ficção” e “fixação”³ cujo equívoco proposital se presta a ensejar este duplo acesso à verdade em seus momentos distintos. Apoiando-se em Bentham, Lacan apresenta o ponto de “fixação” real que gera as ficções.

Recorrendo ao texto sobre as ficções, Bentham expõe que há algumas entidades que têm apenas a possibilidade de serem ficcionais, pois não há uma entidade real que as possa representar, mas que, ainda assim, obtém sua consistência simbólica. Por conseguinte, as ficções são indispensáveis à linguagem como condição necessária à produção do discurso. Ao utilizar o conceito benthamiano, Lacan classifica a pulsão como uma entidade que habita a dimensão da ficção e que pode ser transmitida em psicanálise.

A palavra “transmissão” possui um uso particular em psicanálise, pois diz respeito ao seu ensino. Devemos lembrar que esse ensino tem base na clínica. Com efeito, a transmissão é um problema para a psicanálise. Freud, ao desenvolver a psicanálise, defronta-se com problemas relacionados à tematização e transmissão de questões presentificadas no consultório. Se habitamos a dimensão do mito, vamos conviver com um problema que diz respeito à transmissão. Os mitos, por prenderem-se ao inefável, oferecem uma solução pouco

³ No sentido de fixar, que na língua portuguesa se substantiva “fixação”.

adequada para a transmissão da psicanálise. A transmissão está relacionada ao grande problema dos mitos freudianos. Nesse sentido, a proposta lacaniana é:

[...] saber se, sim ou não, a análise prosseguirá no sentido freudiano, procurando não o inefável, porém o sentido. O que quer dizer o sentido? O sentido é que o ser humano não é senhor desta linguagem primordial e primitiva. Ele foi jogado aí, metido aí, ele está preso em sua engrenagem. [...] O homem se acha metido, seu ser todo, na procissão dos números, num primitivo simbolismo que se distingue das representações imaginárias (LACAN, 1985a, p. 383).

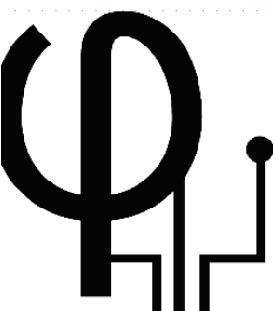
Com referência aos simbolismos numéricos, Lacan busca outro domínio de linguagem para tratar a psicanálise. Uma orientação do seu ensino é a cibernética, que funciona em uma sequência de ausências e presenças, na qual os sinais podem ser reduzidos a 0 e 1. Faz-se interessante, portanto, utilizar noções da cibernética, visto que o ponto fundamental da pulsão está situado na questão da diferença.

O dualismo pulsional, tão defendido por Freud, marca a diferença entre suas duas pulsões, e é o que mantém o percurso pulsional. Mas, ao invés de apregoar um dualismo, Lacan utiliza-se da ordem binária cibernética, simplificando algumas discussões correntes e, com isso, eliminando certos ancoramentos imaginários. Para ele, a pulsão funciona “a modo de um sujeito acéfalo” (LACAN, 1979, p. 171) e, nesse ponto, a cibernética é bastante útil, pois, segundo Moles,

A cibernética se define como a 'ciência geral de sistemas ou organismos independentes da natureza física dos elementos ou dos órgãos que os constituem'. Ela estuda, portanto, as estruturas das relações entre os elementos, antes que os próprios elementos, os quais ela reduz a um certo número de propriedades funcionais. (MOLES, 1974, p. 55, tradução nossa)

A referência à cibernética faz parte da opção lacaniana pelas ciências exatas, que permitem a abordagem direta, sem intermediações, daquilo que é real para a psicanálise. Dessa forma, o aproveitamento da cibernética tem relação com a referência à matemática que, por sua vez, é uma marca de determinado momento do discurso psicanalítico. A partir da interpenetração da psicanálise com as ciências exatas, foi possível para Lacan utilizar em psicanálise a estrutura mínima do matem.

O matema é uma escritura, uma composição de símbolos escritos que se transmite integralmente, apesar dos diferentes sentidos possibilitados pela sua leitura. Sendo deliberadamente destituído de conteúdo, leva à atribuição de qualquer conteúdo. Assim



sendo, foge às limitações das relações semânticas governadas pela estrutura da linguagem tradicional.

Podemos ilustrar o matema como o Nome Próprio que não se traduz. Em qualquer país de língua diferente, o Nome Próprio se mantém o mesmo e, assim, transmite-se integralmente.

Com o matema, Lacan procura trabalhar o significante cada vez mais puro. Seguindo um comentário de Miller (1988, p. 11, tradução nossa), faz-se necessário lembrar que “é Saussure, não obstante, quem isola esse significante paradoxo que é o significante que não significa nada”. A busca do significante sem significado pode ser demarcada pela letra e, neste sentido, a empreitada lacaniana se dá por imprimi-la ao discurso psicanalítico. Nas palavras de Lacan:

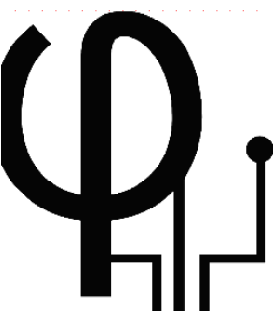
Mas não sentimos nós, desde há um momento, que, por ter seguido os caminhos da letra para alcançar a verdade freudiana, ardemos, cercados por suas chamas? Sem dúvida a letra mata, diz-se, ao passo que o espírito vivifica. [...] As pretensões do espírito, no entanto, permaneceriam irreduzíveis se a letra não tivesse dado provas de que produz todos os seus efeitos de verdade no homem, sem que o espírito tenha de interferir minimamente que seja. (LACAN, 1966a, p. 509, tradução nossa)

A referência lacaniana à matemática facilita o objetivo de distanciamento das noções psicológicas que inibem o aparecimento da psicanálise. Manter a diferença do campo da psicanálise e do campo da psicologia foi uma das problemáticas com a qual trabalhou Lacan.

Em outro campo discursivo, o da lógica-matemática, um pensador que se envolveu na empreitada de distanciar qualquer noção psicológica de todos os ramos da matemática foi Frege (1980, p. 193), ao enunciar que “carecemos de um conjunto de sinais do qual se expulsa toda ambiguidade, e cuja forma rigorosamente lógica não deixe escapar o conteúdo”. Nessa perspectiva, Frege reúne a lógica à matemática, constituindo-se um dos precursores da lógica-matemática. O pensamento de Frege tornou-se para Lacan uma fonte de amplos recursos.

A partir deste momento, podemos passar pelo campo da lógica-matemática. O estreitamento do campo da lógica com o campo da matemática foi veiculado por Frege e por Russel. Eles acreditavam que os axiomas da matemática podiam ser deduzidos da lógica pura. No entanto, podemos constatar que os campos da lógica e da matemática não se resumem a esta proposta.

J.-A. Miller afirma que a empreitada da lógica matemática em trabalhar com o significante puro, ou ainda, com as relações lógicas entre sinais foi um grande avanço. Segundo ele, a utilização fregeana da noção de função é um achado, porque as



matemáticas gregas “[...] não dispunham desse tipo de escritura, que supõe tudo o que se pode abreviar só com escritura da função, com a variável pode-se fazer entrar todo o universo” (MILLER, 1988, p. 23, tradução nossa).

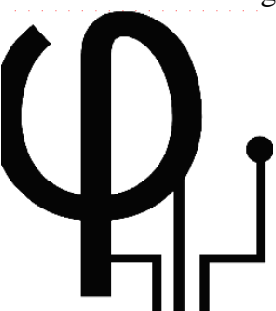
Mesmo assim, a linguagem pura pretendida por este sistema (Frege-Russel) defrontou-se com alguns paradoxos. Russel apontou na elaboração de Frege um paradoxo do qual este não conseguiu uma saída satisfatória. O paradoxo apontado no sistema fregeano não foi o único da história da lógica matemática e, como observa Lacan, os lógicos tentam a todo custo suturar a erupção de um paradoxo. Neste sentido, a sutura da lógica-matemática é a tentativa de manter uma linguagem pura. Diante disso, a questão levantada é: a disciplina psicanalítica, necessitando dos matemas da lógica-matemática, necessitará também, para mantê-los, da sutura dos paradoxos?

Entretanto, esse tipo de contradição é explicitado por Badiou, filósofo e leitor de Lacan, que pensa o matema como uma condição para trabalhar os paradoxos. Tendo em vista que a poesia, a política, o amor e o matema são, no pensamento, quatro possibilidades do acontecimento filosófico denominadas “procedimento genérico”, essas quatro possibilidades têm característica de se apresentarem simultaneamente, sendo assim “compossíveis”. Para Badiou, esse procedimento é suscetível de produzir verdades que fazem buracos no saber. Em suas palavras:

a multiplicidade genérica permite pensar uma verdade ao mesmo tempo como resultado múltiplo de um procedimento singular, e como buraco, ou subtração, no campo do nomeável. Ela possibilita assumir uma ontologia do múltiplo puro sem renunciar a verdade, e sem reconhecer o caráter constituinte da variação linguageira (BADIOU, 1989, pp. 86-87).

O pensamento genérico é caracterizado de forma diferente do pensamento da acumulação de saberes. No entender desse autor, a filosofia deve pensar os paradoxos, as crises e as vacilações mais que os saberes consolidados. Consequentemente, ela precisa de uma consistência mínima que permita esse trabalho. Daí, a multiplicidade do procedimento genérico pela via da atividade matemática detém esse mínimo de consistência, protegendo assim contra a maleabilidade linguística e seus efeitos de sentido.

O pensamento genérico surge do que Badiou denomina “acontecimento”, que é “[...] um corte numa situação (com) a aparição de um significante excedentário que não pertence à linguagem da situação” (BADIOU, 1986, p. 8). Segundo o autor, “o tratamento psicanalítico se constrói de tais cortes” (*ibidem*), o que vem esclarecer em que tipo de pensamento a



psicanálise pode estar situada. Na retomada do corte na cadeia significativa, Badiou se aproxima do pensamento de Lacan, que afirma:

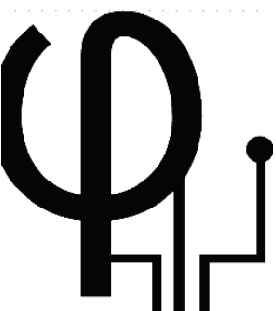
Este corte na cadeia significativa é o único que verifica a estrutura do sujeito como descontinuidade no real. Se a linguística nos promove o significante ao ver nele o determinante do significado, a análise revela a verdade desta relação ao fazer dos buracos do sentido os determinantes de seu discurso (LACAN, 1966c, p. 801).

Ao utilizar matemas em seu trabalho, Lacan está fazendo lógica do significante. Este procedimento não está imune a alguns questionamentos. Ao definir o significante como aquilo que representa o sujeito para outro significante, recebe inúmeras denúncias. Dentre elas, a de que a psicanálise não suporta uma lógica, devido ao fato de que a definição referida incorre em um clássico erro lógico, a tautologia, que produz um círculo vicioso. por esse viés, é possível que a formulação básica da doutrina lacaniana seja um círculo vicioso?

Miller assinala que na relação da lógica dos significantes “[...] é necessário considerar em conjunto as definições que fazem do sujeito o efeito do significante, e do significante o representante do sujeito: relação circular, contudo, não recíproca” (MILLER, 198-, p. 224). A base lacaniana da articulação significativa é que sempre há um significante a mais, impossibilitando um fechamento da questão e constituindo o “não-todo”.

A referência lacaniana à lógica-matemática se dá tendo como objetivo manter um mínimo de consistência em seu discurso. É possível pensar, com o ensinamento de Lacan, que a psicanálise esteja embrenhada em uma formalização para o impossível, sem, no entanto, visar a totalização nessa formulação, pois o que permeia o discurso psicanalítico é a incompletude. Finalmente, com este desenvolvimento, podemos responder à questão elaborada no momento inicial desta reflexão, a qual implica a utilização do matema em psicanálise com a necessidade de suturar os paradoxos. A resposta a esta questão é negativa, visto que os paradoxos não impossibilitam os matemas na psicanálise, aliás, desde as primeiras investigações freudianas sobre os atos falhos, a psicanálise sempre esteve atenta aos paradoxos.

Portanto, é aceitável que a psicanálise consiga dar soluções paradoxais a certos paradoxos. Como, por exemplo, o paradoxo de Russel ou, de forma mais acessível, o paradoxo do barbeiro, da seguinte forma: o barbeiro barbeia a todos que não se barbeiam a si mesmos. Como, então, barbeia-se o barbeiro? Para esse paradoxo, no dizer de Lacan, “a solução é muito simples, é que o significante com o qual se designa o mesmo significante, não é evidentemente o mesmo significante que aquele pelo qual se designa o outro, isto salta



aos olhos” (LACAN, 1979, p. 199). Esta é uma solução que não caberia às lógicas clássicas; entretanto, permite um trabalho com o paradoxo que é de interesse para a psicanálise.

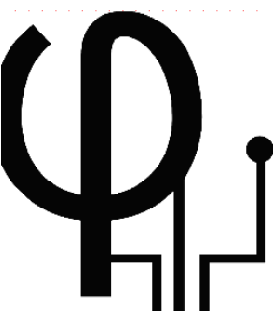
2 ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DO ENSINO LACANIANO À TEORIA DAS PULSÕES

Em seu seminário sobre “Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise”, Lacan faz uma releitura da pulsão freudiana. Apropriando-se de um referencial teórico ao qual Freud não teve acesso, Lacan comenta o texto freudiano, oferecendo sua contribuição para este conceito fundamental da psicanálise, a “pulsão”.

A proposta freudiana é a de que a pulsão manifesta a sexualidade humana. E, no início de seu comentário sobre o tema, Lacan (1979, p. 144) enuncia: “[...] é pela realidade sexual que o significante entrou no mundo”. Desde esse ponto, a caminhada que se define lacaniana é relacionar a sexualidade com a cadeia de significantes. Assim, há a localização da pulsão nessa cadeia, a qual é conferida uma estrutura gramatical.

Lacan, situando o lugar do Outro como campo da linguagem, vai formalizar a emergência lógica do sujeito mediante a sobredeterminação de significantes. Em uma das passagens do texto “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano”, Lacan faz um comentário sobre o momento da emergência do sujeito: “[...] a criança de um só golpe, desconectando a coisa do seu grito, eleva o signo à função de significante” (LACAN, 1966c, p. 805). Essa é uma alusão ao mito da experiência de satisfação.

Através da experiência de satisfação, sobrevém o recalque primordial com o aparecimento do significante. Lacan enfatiza dessa experiência o grito, que não chega a ser uma ação, mas é o veículo de aparecimento do sujeito, pois “o sujeito nasce no que no campo do Outro surge o seu significante” (LACAN, 1979, p. 187). Desde as primeiras elaborações freudianas, a pulsão foi proposta como a fronteira entre o psíquico e o físico. Essa proposição é endossada por Lacan (1979, p. 167) ao dizer que “[...] a pulsão é precisamente essa montagem pela qual a sexualidade participa da vida psíquica”. No seu entender, há dois extremos na experiência analítica: de um lado, o significante, como recalco primordial; do outro, o desejo. No intervalo entre os dois, há a pulsão em forma de sexualidade. Então, o desejo se articula à demanda: “ali onde se trata de desejo, encontramos, em sua irredutibilidade à demanda, a mola mesma que impede igualmente de reconduzi-lo à necessidade” (LACAN, 1966c, p. 804).



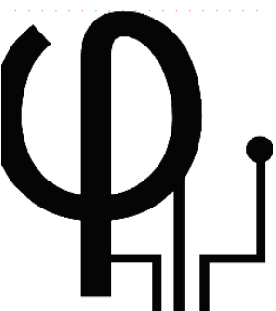
Lacan, acompanhando a elaboração do conceito que Freud apresenta na obra “As pulsões e suas vicissitudes”, destaca o momento da desmontagem da pulsão em quatro elementos básicos: impulso, objeto, objetivo e fonte. Do impulso, Lacan anota que o mais importante é percebê-lo como uma força constante. Em suas palavras: “a primeira coisa que diz Freud sobre pulsão é, se posso me exprimir assim, que ela não tem dia nem noite, não tem primavera nem outono, que ela não tem subida nem descida. É uma força constante” (LACAN, 1979, p. 157). Essa força constante é importante porque, como aponta Freud, dela não há como fugir. Estando sempre presente, denota a atividade da pulsão e, por conseguinte, impõe a condição do trabalho.

No que diz respeito ao objeto pulsional, Lacan o destaca na formulação do “objeto a”. Ele segue o pensamento de Freud, segundo o qual o objeto pulsional é indiferente e qualquer um. Em decorrência disso, instaura-se no objeto a característica da falta, que passa a ser um dos elementos básicos e mais importantes de seu ensinamento.

O “objeto a” é, no ensino lacaniano, causa de desejo. Por faltar a seu lugar, o objeto causa o desejo, mantendo-o incessante. A articulação do desejo com o objeto faltoso aparece na experiência de satisfação freudiana, que pode ser lida como experiência de insatisfação. Sendo inserido na linguagem, o objeto de investimento pulsional adquire a característica do vazio, onde a pulsão é satisfeita de maneira parcial. Na explicitação do objeto, Lacan utiliza a metáfora do pote para dizer que o importante é o vazio de sua constituição. Essa metáfora é retirada de Heidegger, que escreveu um artigo intitulado “A coisa”. Nesse artigo, há um trecho que podemos sublinhar: “a ciência física nos assegura de que o cântaro está cheio de ar e de tudo o que constitui a mistura do ar. Nós nos deixamos iludir por uma maneira de ver meio poética, quando apelamos para o vazio do cântaro, para determinar o que nele é continente” (HEIDEGGER, 1988, p. 124).

O objeto tem a estrutura do vazio. Ao estruturá-lo, Lacan distancia-se da via poética. No entanto, ele não está completamente inserido na corrente estruturalista. Nesse sentido, Dany-Robert Dufour, em um comentário sobre o texto no qual Deleuze anota seis critérios para se reconhecer o estruturalismo, sendo o sexto critério a “casa vazia”, afirma que o estruturalismo morreu por não assumir a casa vazia. A casa vazia é o “objeto a” que Lacan assume até as suas últimas consequências.

O “objeto a” se apresenta como causa de desejo e como “mais-gozar”. Essa última vertente é uma referência à “mais-valia” da teoria marxista. Mas por que essa referência se dá? Ao comentar essa temática, Diana Rabinovich (1989, p. 14, tradução nossa) escreve:



Lacan disse claramente; o problema não é (o que foi chamado classicamente na psicanálise freudiana) o problema econômico: Lacan o considera como um problema de economia política. Daí a possibilidade de compará-lo com a mais-valia marxista. Mas acrescenta algo não dito por Marx, que a economia política é uma economia política de discursos.

Neste momento, podemos perguntar como o problema econômico de Freud pode ser transformado em um problema de economia política. Em primeiro lugar, retomamos as características básicas que permeiam o aspecto econômico da teoria das pulsões: a sua força destruidora, manifestada pela constância de seu impulso, que exige uma ação específica. Essa ação específica pode ser denominada trabalho, e, assim, a pulsão pode ser lida como uma exigência de trabalho.

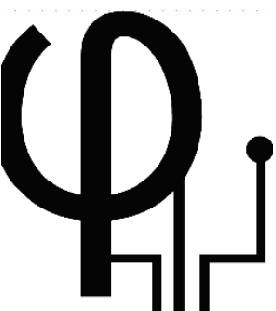
O trabalho assalariado produz mais-valia como um excesso de produção em favor do capitalista, mas em pura perda para o trabalhador. O “objeto a”, enquanto mais-gozar, pode ser lido da mesma forma como a falta e o excesso. Segundo o comentário de Žižek (1991, p. 154):

Por conseguinte, torna-se claro o vínculo entre a mais-valia, “causa” que aciona o processo de produção capitalista e o mais-gozar, objeto-causa do desejo: a topologia paradoxal do movimento do capital, o bloqueio fundamental que se resolve e se reproduz através de uma atividade frenética, a potência excessiva como forma mesma de uma impotência fundamental, essa passagem imediata, essa coincidência entre o limite e o excesso, entre a falta e a sobra, não serão eles a coincidência do objeto-causa do desejo, desse excedente, desse resto que traduz uma falta constitutiva?

A coincidência entre o excedente e a falta é o ponto básico da aproximação do mais-gozar à mais-valia. O mais-gozar se dá porque o objeto não satisfaz completamente a pulsão. Para Lacan, a satisfação é o que há de mais importante na função pulsional. A esse respeito, ele comenta que na experiência, a qual parece não haver satisfação, os pacientes, mesmo assim, “dão satisfação a alguma coisa” (LACAN, 1979, p. 158). Sendo que alguma coisa é satisfeita, independente do que for, a satisfação é o “objeto a”, sua única forma possível.

Quanto aos outros elementos pulsionais, Lacan mantém a articulação freudiana. O objetivo continua sendo o retorno à fonte que é a zona dita erógena da pulsão. Contudo, ao oferecer à fonte a estrutura de borda, e ao trabalhar com as duas vicissitudes – o retorno ao eu e reversão ao seu oposto –, Lacan (1979, p. 161) enuncia que “[...] tudo isso passa apenas por referências gramaticais”. É a gramática da pulsão que está sendo considerada e, cada vez mais,

Lacan sedimenta a sua proposta de incluir a pulsão em uma estrutura de linguagem. Dessa forma, a pulsão surge como um verbo devido à sua característica de ação. Segundo o autor,



“[...] a atividade da pulsão se concentra nesse se fazer” (LACAN, 1979, p. 184). Em relação à sua articulação com a fonte, pode ser um se fazer olhar, ou se fazer papar, ou se fazer ouvir, ou se fazer chupar, dependendo do investimento.

Lacan complementa esse desenvolvimento com a seguinte observação: “O que é que esse belo sobrevoo nos revela? Não parece que, nesse reviramento que representa seu bolso, a pulsão, invaginando-se através da zona erógena, está encarregada de ir buscar algo que, de cada vez, responde no Outro?” (LACAN, 1979, p. 185).

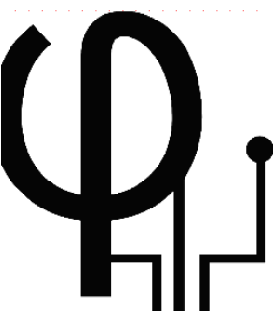
Para explicitar melhor essa situação, aparece em Lacan uma referência ao fragmento 48 de Heráclito, aproximando a pulsão à montagem do arco e da flecha. O fragmento é o seguinte: “O arco: seu nome, vida, sua obra, morte”. Acompanhando o comentário de Jean Bollack (1970, p. 169, tradução nossa), “[...] a ambiguidade do nome é chamada a revelar a ambivalência da coisa. É necessário partir da sintonia. Os poetas épicos chamam o *arco* (*toxón*) de um segundo nome (*biós*) que, por homonímia (pela acentuação próxima: *bíos*), confunde-se ao nome da vida”.

A ambiguidade e ambivalência que permeiam esse aforismo esclarece o que acontece à teoria das pulsões. Na tentativa de fundamentar este ramo de sua teorização, Freud propõe duas pulsões: uma denominada vida; outra, morte. Lacan, por sua vez, unifica-as e propõe uma só pulsão de vida e de morte cujo “objeto a” faz o nó do prazer e da dor.

Ainda comentando o texto de Heráclito, Bollack (1970, pp. 169-170, tradução nossa) prossegue: “de igual modo que, na fugira do rio, a pressão das margens opostas faz o escoamento contínuo das águas, a corda do arco, que curva a madeira, fixa as extremidades e assegura a tensão que projeta as flechas mortais, mantendo a vida da morte”. Se em Heráclito é a corda do arco que mantém a tensão, em Lacan o que a mantém é o “objeto a”.

Sendo esse objeto eternamente faltante, a pulsão o contorna e dessa forma atinge a satisfação sem atingir o alvo que passa a ser o retorno em circuito, o que permite a seguinte leitura: um impulso sai de uma fonte erógena de excitação em busca de um objeto que obture o estranhamento dessa excitação e satisfaça à pulsão.

Eis o primeiro tempo do circuito pulsional, no qual Lacan utiliza o termo “borda” para denominar a fonte, e “aim” para o trajeto e para uma das vertentes do alvo pulsional. Com essa proposta, há uma desconstrução do alvo, a fim de demonstrar que não é chegando a este que a pulsão se satisfaz. A satisfação é o objeto que delimita a pulsão parcial. No seu estatuto de para sempre perdido, o objeto oferece o vazio de sua constituição e define a busca do ser humano por qualquer coisa. Neste momento, chegamos ao segundo tempo do circuito pulsional: o contorno do “objeto a”.



A pulsão toma o seu sentido a partir da intervenção do “objeto a”, que provoca um não-sentido. Em seu retorno à zona erógena, a pulsão traz o significante da ausência do objeto e produz um sujeito. Para Lacan (1979, p. 169), “[...] esse sujeito, que é propriamente o outro, aparece no que a pulsão pode fechar em seu curso circular. É somente com sua aparição no nível do outro que pode ser realizado o que é de função da pulsão”. Nesse terceiro tempo do percurso pulsional, há o retorno à borda e, portanto, a pulsão atinge o “goal”, que é a outra vertente do seu alvo.

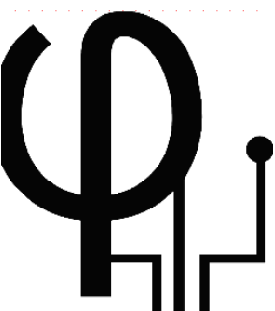
Lacan escolheu a língua inglesa, pois ela oferece dois termos para nomear o “alvo”, o que não acontece com as línguas francesa nem portuguesa. Esse desdobramento do alvo em dois surge para que, com a montagem deste percurso pulsional, a pulsão possa satisfazer-se sem atingir seu alvo. E qual é o alvo não atingido? Podemos, agora, retomar o caráter sexual da pulsão. Se a pulsão trata da sexualidade humana, seu alvo é a reprodução sexual. No entanto, algo se dissipa na apreensão dessa visada.

Freud denominou a pulsão de vida como libido e sempre manteve sua característica eminentemente sexual. Lacan mantém a formulação freudiana e define a libido como “[...] o que é justamente subtraído ao ser vivo, pelo fato de ser submetido ao ciclo da reprodução sexuada” (LACAN, 1979, p. 186). Deste modo, a libido conflui com a definição de “objeto a”. É pela libido que a pulsão faz suas invaginações, carregando a morte por manter relação com o campo da linguagem. No dizer de Lacan (1979, p. 188): “explico assim a afinidade essencial de toda pulsão com a zona de morte, e concilio as duas faces da pulsão que, ao mesmo tempo, presentifica a sexualidade no inconsciente e representa, em sua essência, a morte”.

Ao propor a pulsão como uma estrutura unilateral, a qual a pulsão de vida é simultaneamente pulsão de morte, Lacan escolhe a banda de Moëbius como recurso para trabalhar a noção de pulsão. Trata-se de uma figura unilateral que surge a partir da torção em uma tira que anteriormente era bilateral. Como uma figura unilateral, a banda de Moëbius possui a estrutura da borda.

Através da recorrência à banda de Moëbius, Lacan pode explicitar topologicamente uma solução ao problema do dualismo pulsional. Em sua formulação sobre a teoria das pulsões, o dualismo é descartado. Isto vem denotar a proposta lacaniana de que toda pulsão é de morte, da mesma forma que toda pulsão é de vida. Sendo assim, Lacan não trabalha com duas pulsões, de morte e de vida, mas com uma pulsão, que é virtualmente de morte e de vida.

Por se tratar de uma estrutura unilateral, cada ponto da banda é decisivo e resolve a questão do dentro e do fora. Dessa forma, a pulsão, tendo a estrutura da banda, pode ser,



ao mesmo tempo, de vida e de morte. Essa foi a solução lacaniana para o problema da pulsão.

3 O QUE TEM ALI QUE NÃO ESTÁ?

Tendo visto que a questão sobre a qual versa a teorização da pulsão é a sexualidade, uma contribuição muito importante de Lacan nesse contexto é a sua formalização sobre o tema. As fórmulas da sexuação dão um tratamento lógico às questões envolvidas na teorização freudiana do complexo de Édipo. Contudo, essas fórmulas são primordiais, pois avançam a questões que a antecedem e estruturam o ponto chave do saber psicanalítico. Todavia, qual é o ponto básico da orientação psicanalítica sobre o qual esta formulação se dá?

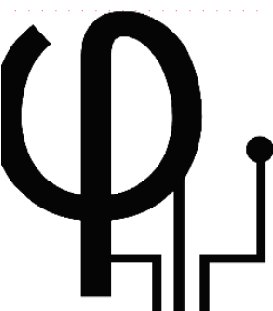
Esse ponto é a diferença sexual, que se faz presente na falta que vigora o discurso psicanalítico. Essa diferença foi anunciada por Freud, quando apontou a masculinidade da libido; no entanto, foi exacerbada por Lacan com o enunciado de que “ \bar{A} mulher não existe”, mexendo com os brios de qualquer mulher.

Lacan não só enunciou que “ \bar{A} mulher não existe”, como também afirmou que “a relação sexual é impossível”. Esses aforismos levam à pergunta de indignação: como? Como \bar{A} mulher não existe? Como a relação sexual é impossível? A essas indagações, Lacan vai responder com as fórmulas da sexuação que fazem parte de seus matemas. A opção lacaniana pelos matemas se apresenta através do esforço de formalizar o real. Nas palavras do autor:

O real só se poderia inscrever por um impasse da formalização. Aí é que eu acreditei poder desenhar seu modelo a partir da formalização matemática, no que ela é a elaboração mais avançada que nos tem sido dado produzir da significância. Essa formalização matemática da significância se faz ao contrário do sentido, eu ia quase dizer a **contra-senso** (LACAN, 1985b, p. 125).

As fórmulas da sexuação, conforme apresentadas por Lacan, incluem os quantificadores (\forall) (para todo) e (\exists) (existe pelo menos um), que se relacionam a uma variável (x), que é um ser delimitado pela função fálica (Φ) e, portanto, sexuado. Para uma explicitação deste último elemento, recorremos ao dizer do autor:

[...] o falo é um significante, um significante cuja função, na economia intrassubjetiva da análise, levanta talvez o véu desta que ele retinha nos mistérios. Pois é o significante destinado a designar em seu conjunto os efeitos do significado, enquanto o significante os condiciona por sua presença de significante (LACAN, 1966b, p. 690).



Dessa maneira, como afirma Jacques-Alain Miller (1988) na coletânea “Matemas”, as fórmulas da sexuação tratam da lógica do significante. Assim, a lógica do significante proporciona um tratamento lógico e não mítico à questão da sexualidade. Contudo, a sua lógica é própria ao significante e, portanto, não clássica. Um dos pioneiros do estudo das lógicas não clássicas é o professor Newton da Costa que, em uma entrevista, comenta a formulação lacaniana da seguinte forma:

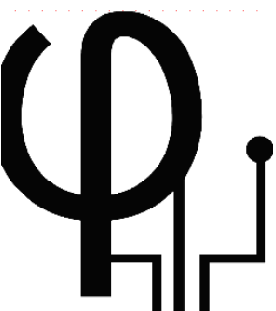
Acredito que Lacan estabeleceu uma nova espécie de modalidade. O desenvolvimento formal de suas ideias, feito paraconsistente ou não, conduz a uma nova lógica modal. Esta precisa ser estudada e desenvolvida. Somente após isso é que se poderá opinar, com segurança, sobre a relevância das ideias de Lacan. No entanto, ela se afigura, à primeira vista, interessante, especialmente se a basearmos em uma estrutura paraconsistente (COSTA, 1989, p. 33).

A lógica paraconsistente, como uma alternativa para a verificação lógica do ensino de Lacan, é uma aproximação que deve ser investigada com cautela, como afirma o professor Newton da Costa. Em uma pesquisa vinculada ao campo da lógica, Andréa Loparic investiga a formalização lacaniana referente ao campo da sexualidade e, em suas palavras: “portanto, nós acreditamos que esta escritura é intencional e que Lacan utiliza a linguagem lógica violando expressamente as regras de sua gramática” (LOPARIC, 1991, p. 242).

Como as fórmulas de Lacan tratam da sexuação, a sua divisão é a seguinte: o primeiro grupo são as fórmulas do masculino e o segundo grupo são as fórmulas do feminino. Assim, o não-todo está na posição feminina, e o falo, como operador na organização da sexualidade, encontra-se na posição masculina. O termo “posição” é muito importante na delimitação do que é do homem e da mulher. No que diz respeito às fórmulas da sexuação, tanto o homem quanto a mulher podem frequentar as duas posições.

Nesse momento, vamos apresentar alguns exemplos fornecidos por Lacan, que demonstram a possibilidade de se frequentar uma ou outra posição. Ao ocupar a posição fálica, por exemplo, a mulher habita a posição masculina. Assim sendo, ela confunde o vazio estrutural com a falha e, dessa maneira, identifica-se com o falo para tamponar suas faltas. Lacan comenta que, muitas vezes, as mulheres são muito mais homens que os homens.

Lacan dá o exemplo dos místicos como frequentadores da posição feminina. Tomando como exemplo um dos místicos, São João da Cruz, deparamo-nos com o seguinte comentário: “[...] não se é forçado, quando se é macho, colocar-se do lado do [homem]. Pode-se, também, colocar-se do lado do não-todo. Há homens que lá estão tanto quanto as mulheres” (LACAN, 1985b, p. 102). A incompletude marca a posição feminina e,



também, possibilita a basculação à função fálica, sendo que a formulação lacaniana “para não-todo há função fálica” demonstra essa possibilidade. Por conseguinte, a viabilização da passagem ao feminino é possibilitada pela função fálica e só foi possível perceber que os místicos frequentaram o lado feminino a partir de seus relatos escritos.

De São João da Cruz (1990, p. 33), sublinhamos o seguinte verso de suas poesias:

Oh noite, que guiaste!
 Oh noite, amável mais que a alvorada!
 Oh noite que juntaste
 Amado com amada,
 amada em seu Amado transformada!

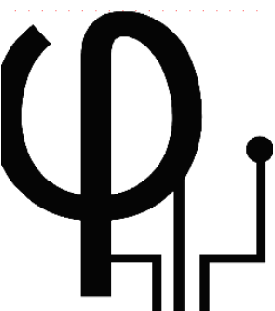
A mística Santa Teresa D’Ávila, em seu livro “Seta de fogo”, escreve sobre o desejo de que seu corpo se conflua com o de Deus, mas ela lamenta o encontro faltoso com o Amado, dizendo:

Como, vida, presenteá-lo,
 o meu Deus que vive em mim,
 se não perdendo-te a ti,
 para melhor poder gozá-lo?
 Quero, morrendo, alcançá-lo,
 pois só dele é o meu querer:
que morro por não morrer (ÁVILA, 1989, p. 9, grifo do autor).

Um dos processos que permitem frequentar o lado feminino é a sublimação. Pois a sublimação pode ser traduzida como uma mudança de referencial, já que ela é apenas um instante que não permite ancoramento, implicando troca de objeto.

Lacan considerou o amor cortês como paradigma da sublimação e escreveu que este “[...] é a única maneira de se sair com elegância da ausência da relação sexual” (LACAN, 1985b, p. 94). O processo de sublimação é apropriado à posição feminina, que é um lugar apenas a ser frequentado e não habitado. Mas o acesso à posição feminina não é possibilitado unicamente pela sublimação.

Após recorrermos às proposições estabelecidas por Lacan no que dizem respeito ao feminino e ao masculino, passamos agora a algumas indagações. Podemos perguntar, diante da formulação lacaniana para a sexualidade, por que são fórmulas para a posição feminina e masculina? Dizer que o não-todo tem de estar relacionado ao feminino e o falo ao masculino não é suficiente, pois não responde por que isso é necessário. Essa é uma pergunta feita a um sistema formalizado, as fórmulas da sexuação, a que o próprio sistema não tem



condição de responder. No caso específico dessa pergunta, recorreremos ao sistema freudiano, que tem condições de fornecer uma resposta.

Mesmo não podendo afirmar qual é a lógica subjacente aos estudos da psicanálise, a referência a um dos teoremas da incompletude de Gödel pode oferecer um ponto de partida. Este movimento nos oferece a possibilidade de fazer uma analogia com o teorema II da incompletude, de Gödel. A enunciação desse teorema pode ser a seguinte: a consistência de qualquer axiomática consistente da aritmética não pode ser demonstrada nessa axiomática⁴. O professor Newton da Costa oferece uma interpretação a esse teorema, assim enunciada:

[...] a demonstração de que dada axiomática da aritmética é consistente só pode ser efetuada com o auxílio dos recursos de uma teoria mais “forte” (ou seja, é impossível formalizar uma prova de consistência de qualquer axiomática da aritmética, tendo por base tão somente essa axiomática) (COSTA, 1977, p. 37).

O termo “forte” na citação antecedente surge entre aspas, porque não significa que o sistema referencial seja melhor que o primeiro, e sim porque este outro “encerra algum método ou processo inexpressável” (COSTA, 1977, p. 38) no antecedente. Eis uma pontuação que diz respeito ao problema em questão: algo é inexpressável em um sistema, mas por sua vez é expressável em outro que o sustenta.

O método de Gödel consiste em substituir enunciados de fórmulas por números. De tal modo que fórmulas inteiras, com todos os seus conectivos, são substituídas por números e o número de Gödel, assim denominado, é fornecido pelo produto das potências dos números escolhidos.

Em analogia com o teorema de Gödel, é possível dizer que o sistema lacaniano não se sustenta a si próprio e, no entanto, é sustentado pela proposição freudiana. Na tentativa de levar essa proposta adiante, deparamo-nos com a viabilidade de tal articulação, já que Gödel substituiu um sistema aritmético por outro também aritmético; já no caso das teorizações lacanianas e freudianas, isso não acontece.

A validade da questão proposta ao sistema de Lacan pode ser fundamentada na articulação de Michael Dummett sobre “O significado filosófico do teorema de Gödel”. Para esse autor, uma situação é revelada pelo teorema de Gödel que “deve certamente parte de seu apelo ao fato de se pensar que ele proporciona um contraexemplo à redução do sentido ao

⁴ Para fazer uma interpretação das fórmulas lacanianas da sexuação, recorreremos ao sistema freudiano de linguagem natural. Já Andréa Loparic, em seu trabalho “Les négations et les univers du discours”, constrói, a partir das fórmulas lacanianas da sexuação, outro sistema lógico, oferecendo uma interpretação que pode ser utilizada para as fórmulas de Lacan.

emprego” (DUMMETT, 1977, p. 873). Dessa forma, suscita-se problemas que podem ser enunciados pela pergunta: “como é que se reconhece que esta descrição é apropriada?” (DUMMETT, 1977, p. 872).

Se o teorema de Gödel permite uma pergunta como a antecedente, podemos, então, cotejar o sistema lacaniano com o freudiano, a fim de responder à questão de por que as fórmulas da sexuação são as fórmulas da posição feminina e masculina do ser sexuado. Para tal empreitada, a referência é retirada dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, de Freud.

O segundo dos três ensaios de Freud escritos em 1905 versa sobre a sexualidade infantil. Em 1915, ele acrescenta uma seção a este ensaio, sob o título: “As pesquisas sexuais da infância”. Esta seção traz o ponto chave em que podemos articular as fórmulas da sexuação de Lacan.

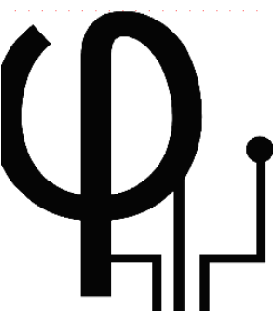
Em acréscimo a sua elaboração de que qualquer contato humano com a realidade é permeado pela via sexual, Freud elucida que o processo humano de pesquisar é sexual. Isso significa que qualquer pergunta feita pelo homem, desde a mais ingênua até à teorização mais complexa, diz respeito à sexualidade. A conclusão é que o motor das investigações é a sexualidade, e o homem pode ser visto como aquele ser que faz pesquisas sexuais.

Em 1923, Freud escreve *Uma interpolação na teoria da sexualidade*, e acrescenta uma palavra básica que não foi elucidada em 1915, o “falo”. Desse modo, vamos seguir, na implicação das fórmulas da sexuação de Lacan, tanto os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* quanto *uma interpolação na teoria da sexualidade*.

Freud (1972, p. 201) escreve que “a suposição de que todos os seres humanos têm a mesma forma (masculina) de órgão genital é a primeira das muitas teorias sexuais notáveis e momentosas das crianças”. Tanto para o menino quanto para a menina essa enunciação é válida, já que para ambos entra “[...] em consideração apenas um órgão genital, ou seja, o masculino. O que está presente, portanto, não é a primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do **falo**” (FREUD, 1976, p. 180).

Seguindo o raciocínio de Freud, o que acontece nas pesquisas sexuais é que o órgão perde seu lugar para o falo e este segue sendo a única referência. É nesse sentido que a formalização do universal tem o seu lugar, pois sendo o falo a única referência, para todo sujeito há função fálica. Mas, no andamento de suas investigações, a criança percebe um ser que não tem órgão. Segundo Freud:

No decurso dessas pesquisas a criança chega à descoberta de que o pênis não é uma possessão, comum a todas as criaturas que a ela se assemelham. Uma visão acidental dos órgãos genitais de uma irmãzinha ou companheira de



brinquedos proporciona a ocasião para essa descoberta. (FREUD, 1976, p. 181)

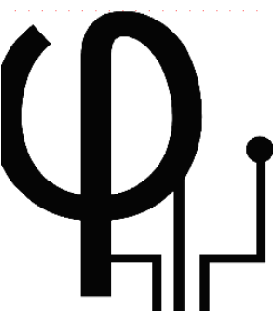
Quando, em suas pesquisas sexuais, as crianças se deparam com a falta de pênis, esse encontro é, para a concepção fálica, de natureza inassimilável. Quer dizer, não pertencente ao universal afirmativo. A formalização do impossível desse encontro é que não existe nenhum sujeito que não habita a função fálica. Mas por que ocorre, no encontro com o feminino, algo de inassimilável? A resposta a ser apresentada é que para o feminino não existe representação. Não tem significante para representar o feminino. Por isso, Freud (1972, p. 202) enuncia que “[...] há, contudo, dois elementos que não são descobertos pelas pesquisas sexuais da criança: o papel fertilizante do esperma e a existência do orifício sexual feminino”.

Diante da impossibilidade de assimilação do orifício feminino, só há lugar para uma pergunta: o que tem ali que não está? Tal questão é colocada no lugar de uma resposta impossível, marcando a presença do sistema freudiano.

Algo que podemos frisar na articulação freudiana é que “[...] os esforços de investigador infantil são habitualmente infrutíferos e terminam com uma renúncia que não raramente deixa atrás de si um dano permanente à pulsão do saber” (FREUD, 1972, p. 202). Se a pesquisa sexual não chega a uma resposta definitiva, o seu fracasso é o que impulsiona o humano a não cessar de continuar suas pesquisas.

A partir das articulações fornecidas pelo sistema freudiano, podemos notar que a única forma possível de representação do feminino é a lógica. Pois, não havendo como representar o feminino, é por dedução lógica que o pesquisador pode formular alguma resposta às suas indagações – que têm sempre caráter sexual. Então, do encontro com o impossível da representação feminina, resta o falo e a castração. Com esta base, Lacan deduz o feminino e formula o que é impossível de ser representado. Sendo, então, o sistema lógico de Lacan apropriado para tratar do feminino.

Um dos objetivos deste estudo foi recorrer a um dos teoremas da incompletude de Gödel para investigar as fórmulas da sexuação. Para realizá-lo, apropriamo-nos de algumas lições de comentadores que atualizaram questões levantadas pelos teoremas de Gödel ao formalismo, evidenciando, assim, suas limitações. Dessa forma, com a aplicação destes teoremas podemos concluir que os matemas lacanianos também têm seus limites. Foi preciso que a linguagem natural dissesse o que o sistema formal não conseguiu dizer. A referência feita ao sistema freudiano de linguagem natural provou que as fórmulas de sexuação, um sistema lógico, são apropriadas para darem um tratamento à questão do feminino.



4 EM GUIA DE CONCLUSÃO

A investigação de um conceito que perpassa a obra de dois autores, leva à indagação sobre o que acontece com este conceito em seu percurso nas duas teorizações, isto é, qual a influência destas teorizações sobre este conceito. Além disso, questiona-se ainda qual é a relação entre as teorizações mediante a interferência de tal conceito.

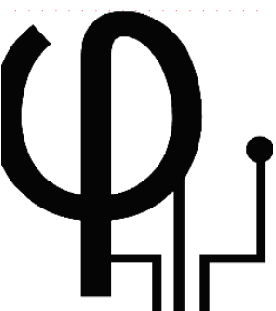
Em uma leitura inicial, pode parecer que as teorizações de Freud e Lacan fazem um todo único, em que falar de Lacan tornaria implícita a teorização freudiana. Essa visada tem base em uma frase na qual Lacan nomeia a si mesmo como freudiano. No entanto, uma das leituras que pode ser realizada diante desse posicionamento lacaniano é a de que sua teorização não é complementar à teorização freudiana.

O dualismo foi a solução encontrada por Freud para fugir aos desvios da concepção totalizante que alguns de seus seguidores tentaram impor à psicanálise. No que diz respeito ao dualismo pulsional, a perspectiva freudiana é fazer vigorar a diferença entre as duas pulsões. Entretanto, muitos dos psicanalistas pós-freudianos não aceitaram este argumento e parte deste problema se deve ao próprio dualismo freudiano, que teve como uma de suas consequências o impasse. Com efeito, o impasse do dualismo se apresenta no ensino da psicanálise.

Para trabalhar com o legado freudiano, comprometemo-nos com a teorização lacaniana, que se distingue da posição veiculada no dualismo. No âmbito das pulsões, Lacan, ao invés de trabalhar com as pulsões de vida e as pulsões de morte, monta uma pulsão que é de vida e é de morte. Essa é uma contribuição de Lacan para a teoria pulsional.

Diante da problemática do dualismo, Lacan utiliza os matemas como opção ao impasse freudiano. Nesse sentido, há um compromisso lacaniano com a posição científica através de seus matemas, que têm por função privilegiar o significante cada vez mais puro e livre de significações. Por tal característica, os matemas se tornam fundamentais para o problema do ensino em psicanálise.

Tanto o mito quanto o matema são veículos de transmissão do saber. Entretanto, o mito encontra sua forma de manifestação através do rito, e o matema, por sua vez, é uma formalização. O matema privilegia a escrita, prerrogativa esta que não se apresenta na transmissão mítica, pois em termos do mito, a escrita é apenas uma das formas de sua manifestação. O deus é um dos elementos imprescindíveis ao mito e este aspecto religioso, que é precioso aos mitos, marca um posicionamento do homem diante do mundo. Dessa forma, o mito freudiano é uma relação entre pulsão, homem e mundo. Todavia, a proposição freudiana das pulsões é também uma construção teórica, na qual pulsão é



apresentada como um conceito científico. Sendo o mito e a ciência realidades exclusivas, essa dupla fundamentação é um problema que reflete o dualismo de Freud, pois a pulsão de vida é proposta como um conceito científico, enquanto a pulsão de morte é apresentada como um mito.

Lacan, com base em outro referencial, prefere situar a pulsão nas vias da lógica e da matemática, de modo que a opção lacaniana pelos matemas parece solucionar os problemas deixados pelo dualismo freudiano. Nosso trabalho, então, poderia terminar no momento em que delineamos a proposta lacaniana, apontando enfim uma passagem do mitema freudiano ao matema lacaniano. Mas consideramos que entre eles não há uma passagem, isto é, não há uma justaposição dos matemas lacanianos sobre os mitos apresentados por Freud.

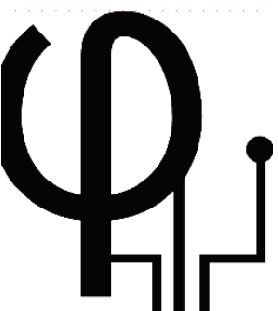
A articulação em que fundamentamos a afirmação onde não há passagem dos mitos aos matemas na teoria psicanalítica foi desenvolvida em nosso trabalho a partir de uma recorrência às fórmulas da sexuação. Essas fórmulas compõem um dos desenvolvimentos dos matemas lacanianos, oferecendo uma formalização lógica à questão da sexualidade. Devemos lembrar que a sexualidade é pulsional.

Em nosso trabalho, as fórmulas da sexuação foram implicadas em uma questão para a qual não há resposta dentro de seu próprio sistema. Essas fórmulas são enunciados da masculinidade e da feminilidade, e a pergunta realizada ao sistema foi dirigida à propriedade das fórmulas da feminilidade. Para responder se as fórmulas elaboradas para o feminino são apropriadas, recorreremos ao sistema freudiano de linguagem natural, especificamente à proposição sobre as pesquisas sexuais.

A proposição freudiana denota que perguntar sobre o feminino é o grande motor das investigações humanas, pelo fato de ser aquilo para o qual não é possível qualquer resposta. Lacan, com base nos desenvolvimentos da lógica, formula o impossível através das fórmulas da sexuação. Dessa maneira, esse autor oferece um tratamento lógico àquilo que não podia ser representado. Se o feminino é o impossível, a única forma de acesso ao feminino é possibilitada por dedução lógica. Isso é o que o sistema freudiano sugere ao apontar o núcleo de impossibilidade das teorizações.

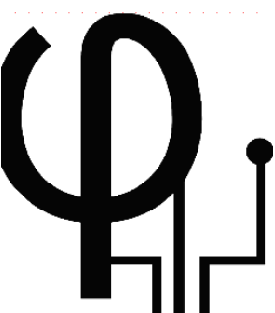
Freud, todavia, questiona o feminino no decorrer de sua obra; já a formulação do feminino como impossível é a proposta lacaniana. Lacan nomeia as suas fórmulas como sendo da sexuação e, em especial, dedica a formulação do impossível ao feminino. Dessa forma, Lacan mantém seu compromisso com a teorização freudiana.

A confirmação de que Lacan tem compromisso com a teorização freudiana não é a única conclusão a que chegamos. A intervenção sobre as fórmulas de Lacan denota outro viés da questão: as fórmulas da sexuação não provam por seu único intermédio o motivo



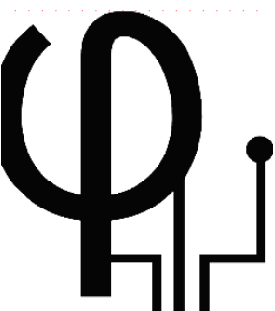
de sua denominação. Há limitações da formalização, e como a opção pelos matemas é, também, uma opção pela formalização, podemos dizer que eles têm seus limites.

O próprio Lacan esteve atento aos limites do matema, pois eles oferecem uma linguagem pura em que são capazes de ensinar integralmente, mas, para serem ensinados, precisam dos recursos da palavra. Resta dizer que um dos problemas do matema é que ele não fala, e, no caso específico das fórmulas da sexualização, é o mito freudiano que pode falar e, com isso, efetivar o ensino. Diante dos limites do matema em relação à pulsão, o sistema freudiano é que oferece uma explicação adequada. Através dessas deduções, podemos chegar à seguinte conclusão sobre a relação entre as teorias freudiana e lacaniana: não há uma ampliação da teoria lacaniana sobre a teoria freudiana; acontece que a teoria freudiana sustenta a teoria lacaniana e o “Retorno à Freud” proposto por Lacan é, assim, confirmado.



REFERÊNCIAS

- ÁVILA, Santa Teresa de. *Seta de Fogo*. Tradução de J. Bento. Lisboa: Assírio & Alvin, 1989.
- BADIOU, Alain. *Manifeste pour la Philosophie*. Paris: Seuil, 1989.
- BADIOU, Alain. Seis Propriedades da Verdade. In: BADIOU, Alain. *Política e Verdade*. Tradução de D. Peixoto & S. Laia. Belo Horizonte: UFMG/FAFICH, 1986.
- BENTHAN, Jeremy. Classifications des entités fictives. *Palea*, v. 5, n. 11, [s.d.].
- BOLLACK, Jean. *Héraclite ou la séparation*. Paris: Minuit, 1970.
- COSTA, Newton C. A. da. *Introdução aos Fundamentos da Matemática*. São Paulo: HUCITEC, 1977.
- COSTA, Newton C. A. Entrevista, *Isso – dispensa freudiana*, n. 1. Belo Horizonte, 1989.
- CRUZ, São João da. Noite Escura. In: CRUZ, São João da. *Poesias Completas*. Tradução de J. Bento. Lisboa: Assírio & Alvin, 1990.
- DUFOUR, Dany-Robert. Le Structuralisme, le pli et la trinité. In: *Le Débat histoire, politique, société*. (s.n.d.).
- DUMMETT, Michael. O Significado Filosófico do Teorema de Gödel. In: LOURENÇO, M. (Org.). *O Teorema de Gödel e a Hipótese do Contínuo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulberkian, 1977.
- FREGE, J. Gottlob. Sobre a Justificação Científica de uma Conceitografia. In: Peirce e Frege. *Os Pensadores*. Tradução de L. H. dos Santos. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os Pensadores).
- FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- FREUD, Sigmund. *A Organização Genital Infantil (uma interpolação na teoria da sexualidade)*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- HEIDEGGER, Martin. A Coisa. In: SOUSA, E. *Mitologia I: mistério e surgimento do mundo*. Brasília: UnB, 1988.
- LACAN, Jacques. L'instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud. In: LACAN, Jacques. *Écrits*. Paris: Seuil, 1966a.
- LACAN, Jacques. La signification du phallus. In: LACAN, Jacques. *Écrits*. Paris: Seuil, 1966b.
- LACAN, Jacques. Subversion du sujet et dialectique du désir dans l'inconscient freudien. In: LACAN, Jacques. *Écrits*. Paris: Seuil, 1966c.
- LACAN, Jacques. Du "Trieb" de Freud et du désir du psychanalyste. In: LACAN, Jacques. *Écrits*. Paris: Seuil, 1966d.
- LACAN, Jacques. La science et la vérité. In: LACAN, Jacques. *Écrits*. Paris: Seuil, 1966e.
- LACAN, Jacques. *O Seminário: Livro 2 – O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise* - Tradução de M.C.L. Penot. Rio de Janeiro: Zahar, 1985a.
- LACAN, Jacques. *O Seminário: Livro 7 – A Ética da Psicanálise*. Tradução de A. Quinet. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- LACAN, Jacques. *O Seminário: Livro 11 – Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*. Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- LACAN, Jacques. *O Seminário: Livro 20 – Mais, Ainda*. Tradução de M. D. Magno. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985b.
- LACAN, Jacques. R.S.I. In: *Ornicar?* Madrid, n. 3, 1981.
- LOPARIC, Andréa. Les négations et les univers du discours. In: MICHEL, A. (Org.). *Lacan avec les philosophes*. Paris: Seuil, 1991.
- MILLER, Jacques-Alain. *Matemas II*. Buenos Aires: Manantial, 1988.



MILLER, Jacques-Alain. A Sutura (Elementos da Lógica do Significante). In: COELHO, Eduardo Prado (Org.). *Estruturalismo: Antologia de Textos Teóricos*. São Paulo: Martins Fontes, [198-], p.211-224.

MOLES, Abraham. *Cybernétique et action*. In: RICHAUDEAU, F. (Org.). *Les sciences de l'action theories et pratique*. Paris: Retz - C. E. P. L., 1974.

RABINOVICH, Diana Silvia. *Una clínica de la pulsión: las impulsiones*. Buenos Aires: Manantial, 1989.

ZIZEK, Slavoj. *O mais Sublime dos Históricos: Hegel com Lacan*. Tradução de V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

